



MIL[LI] E UMA ARTES

UMA ALUMNA UÉ DO MUNDO

pág.10

INVER20

NÚMERO 2

ficha técnica | estatuto editorial

DIREÇÃO

Divisão de Comunicação da Universidade de Évora

ISBN

2184-8270

PERIODICIDADE TRIMESTRAL

2ª edição [março 2021]

REDAÇÃO

Andreia Rosa, Marco Cardoso, Maria Serrano, Raquel Fernandes

DESIGN

Susana Rodrigues

FOTOGRAFIA E VÍDEO

Hugo Faria, Carlos Espiga

PROPRIEDADE

Universidade de Évora

CONTACTO

revistainverso@uevora.pt

A revista Inverso é uma publicação institucional, de natureza jornalística, que procura ângulos e perspectivas diferentes, valorizando a diversidade, a multiplicidade e o desdobramento de facetas de cada um dos atores da Academia. Pretende dar a conhecer olhares menos óbvios e contribuir para o (re) conhecimento do que se faz na Academia, nas suas várias áreas e dimensões. É uma publicação que reflete muito mais do que os resultados obtidos na investigação, no ensino ou na inovação. É uma publicação que dá a conhecer pessoas. A Inverso é uma revista cá dentro lá para fora.

editorial



Nesta Inverso falamos de paixões: pelas Artes, pela Ciência, pelo Desporto, pela Comunidade, pelo Ambiente, pela Saúde, pelo Outro. Estamos globalmente envolvidos no controlo de uma pandemia, em que, num evidente desequilíbrio de forças, e no desalento de sucessivos confinamentos, as paixões, os sonhos e as ambições, individuais e coletivos e nas suas multiplicidades de formatos, naturezas e manifestações, não podem dissipar-se. Afinal, são o móbil do mundo. Exemplos de perseverança e resiliência, um ano após a identificação dos primeiros dois casos de doença por Sars-Cov2 em Portugal, é aqui que nos detemos nesta edição, com testemunhos tocados ou tenazmente (in)tocados pela pandemia.

João e Miguel não deixaram latente a sua paixão pela música, e foi por isso que estes dois estudantes da UÉ chegaram à final do *Talent Show* “The Voice”, tal como Milli Janatková, antiga aluna da UÉ, que lançou em 2020 o álbum a solo, “Deep”, o que lhe valeu o terceiro Independent Music Award pelo single “Buoh”.

Resultados praticamente em tempo real foi o que obtiveram os investigadores Daniele Bortoli e Maria João Costa, com dados preliminares que revelam alterações na atmosfera em consequência do confinamento de 2020: como avançam “para a baixa troposfera é demonstrável algum efeito, dentro da variabilidade climatológica”. Também a nova Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano nasce em plena pandemia, resultado de uma marcante resiliência e sentido de cooperação interinstitucional.

E foi por continuarem a perseguir os seus sonhos que Tiago Marques, docente da UÉ, se sagrou vice-campeão da Europa em 2020 na modalidade Atletismo e Ana Pinto é atualmente atleta na equipa nacional sub-21 de Futsal, enquanto constrói, na Universidade de Évora, o seu caminho para vir a ser professora de Educação Física.

Certo é que o intemporal legado da paixão de João Cutileiro ficou gravado na pedra e, será incessantemente revisitado pelos especialistas, e que, como nos revela Isabel Mesquita, “esta pandemia remete para a nossa fragilidade enquanto humanos, para o não controlo sobre a nossa finitude, para a necessidade do outro.”

por **Andreia Rosa**
[coordenadora da divisão
de comunicação]

zoom

Nas suas vozes transportaram até aos grandes palcos de Lisboa a cultura musical portuguesa. A dupla de estudantes da Universidade de Évora marcou presença na final do concurso televisivo “The Voice”, na RTP1, homenageando o tradicional cante alentejano. Quem não conhece esta região certamente viajou até cá embalado nas vozes do João Maria Baião e do Miguel Costa.

VOZES QUE ENTOAM O ALENTEJO



zoom



Miguel Costa e João Maria Baião
no palco do *The Voice Portugal*
[fotografia SHINE IBERIA]

Nascidos no distrito de Beja e companheiros desde pequenos como já o eram os seus pais, a amizade não é a única variável que têm em comum. Partilham o gosto pela música, tendo traçado este caminho lado a lado. Quem já os ouviu entende o porquê, se a solo surpreendem, em uníssonos prendem a atenção, numa melodia que ecoa da fusão entre duas vozes que se completam.

E é também “em dueto” que vivem a experiência académica na Universidade de Évora, embora o João estude Economia e o Miguel Gestão, estão de acordo no que define um estudante da UÉ, independentemente do curso que integre. “Ser estudante nesta instituição é ganhar uma nova família, é viver um espírito académico muito vincado, repleto de tradição”, afirma o João. Já o Miguel destaca o acolhimento que recebeu em Évora bem como a “proximidade com os docentes e a união entre estudantes”.

Apesar de ser desafiante conciliar as responsabilidades académicas com a exigência de investir também numa carreira musical, é esta paixão permanente pela música que os move. O Miguel cresceu a ouvir o pai a tocar guitarra, na verdade toda a gente canta lá em casa. Foi na voz do pai e a ouvir cassetes de cante alentejano que o João descobriu a ligação à música. E foi nas curvas das cordas vocais que esta

dupla bateu à porta das casas portuguesas, transportando miragens do Alentejo de planícies ondulantes onde se esconde o sol.

A primeira experiência em grandes palcos foi no *talent show* “The Voice Portugal”. Encantaram o público e convenceram os quatro jurados do programa com o tema “Só um beijo” de Salvador e Luísa Sobral, deixando claro desde o início que a música portuguesa ia ser um marco no seu percurso pelo programa.

E assim foi até à final do concurso: em português e

com interpretações próprias vincadas pela pronúncia alentejana. “Há muito boas músicas na nossa língua e sempre tivemos o objetivo de cantar em português para mostrarmos ao mundo o nosso querido Alentejo e lembrar que a nossa cultura não deve ser esquecida”, frisou o Miguel. “Sinto que passámos uma mensagem ao público, promovemos a

música portuguesa e a cultura alentejana, quebrando os tabus de que não se pode chegar longe a cantar na nossa língua”, acrescentou o João. Já o dizia o poeta Manuel Alegre que o Alentejo é, para quem o escolhe, uma casa.

Desvenda-se o talento camuflado nos corredores da universidade, testemunhos futuros da concretização de sonhos conjuntos. Quem sabe se estas memórias em Évora não serão um dia letras de uma canção.

“ **Ser estudante nesta instituição é ganhar uma nova família, é viver um espírito académico muito vincado, repleto de tradição** ”

da UÉ para o mundo

Pode nunca ter ouvido falar de Milli Janatková mas, nos últimos anos, esta artista checa com fortes raízes no nosso país tem dado cartas no ramo da música e das artes visuais. Em 2008, Évora foi simultaneamente o seu destino e o seu ponto de partida.

A caminhada que aqui iniciou já a levou aos quatro cantos do mundo, mas Portugal e a língua portuguesa nunca deixaram de fazer parte da sua vida.

MIL [LI] E UMA ARTES

UMA ALUMNA DO MUNDO



~~Évora~~



Milli Janatková, protagonista da narrativa que vamos contar, é natural da República Checa, um país com uma posição central no coração da Europa e um passado marcado por lutas violentas pela sua identidade e liberdade. Hoje, este país que integrou a antiga Checoslováquia, é celebrado pelo seu legado histórico, intelectual e artístico e por ser a pátria de figuras como Sigmund Freud ou Franz Kafka e Milan Kundera, nomes incontornáveis da cultura moderna, e aos quais se poderá vir a juntar um dia a nossa personagem principal.

Em 1982, a pequena cidade checa de Mělník, localizada na região da Boémia Central, viu nascer e crescer Milli Janatková, mulher dos sete ofícios e uma artista de mão-cheia, que, em 2008, cruzou o seu percurso com a Mui Nobre e Sempre Leal Cidade de Évora, após receber uma bolsa de estudo.

Uma fase mais “infeliz e solitária” da sua vida motivou esta mudança. “Queria ir para Chipre ou para Portugal, mas quando pesquisei no Google algumas fotos e informações sobre Portugal, a sua paisagem natural, as cores, a história e toda a riqueza da sua cultura, percebi que era o destino indicado”, conta a *alumna* da Universidade de Évora, em entrevista à Inverso.

“A minha estadia em Évora foi repleta de beleza, liberdade, possibilidades artísticas, risos, mas também de depressão, solidão, lágrimas, amor infeliz e rutura... e de saudades” revela-nos. Porém, foi graças a tudo isto que Milli encontrou o seu equilíbrio. Estudou voz, canto, desenho, artes gráficas e português, língua que a acompanha desde então e que continua a transportá-la para memórias do seu tempo em Portugal.

“Conheci a Joana Machado, cantora e o João

da UÉ para o mundo

Gentil, acordeonista. Com eles cantei a famosa canção brasileira Garota de Ipanema, tanto em checo como em português. Quando vi o entusiasmo do público percebi que fui para Portugal para encontrar algo novo e para me encontrar a mim própria. Durante as aulas encontrei a minha voz, o meu movimento e a minha arte e isso deu-me um novo começo. Foi graças a todas estas experiências que me conheci e fortaleci enquanto pessoa e artista.”

Quando questionada acerca do que mais a marcou durante este tempo, Milli, revela que ficou “surpreendida com tudo em Portugal. Adorei a vossa língua, a natureza, as ruas e as pessoas de Évora, os sobreiros alentejanos e as paisagens históricas, São Bento, o Cromeleque dos Almendres e a Anta Grande do Zambujeiro onde compus uma canção para o meu primeiro álbum” confessa a artista, que após os estudos quis conhecer melhor Portugal. Viajou de Norte a Sul, percorreu o litoral a pé e ficou a conhecer o nosso país como poucos. Entre a cidade de Faro, bem no Sul de Portugal, e a fronteira aldeia de Lindoso, um dos pontos mais a norte do país e, parte integrante do Parque Nacional Peneda-Gerês, Milli conheceu cerca de 20 localidades portuguesas, que desenhou no seu caderno. Viseu, Porto, Braga, Coimbra, Torres Novas, Lisboa, Cascais, Sintra, Setúbal ou Mértola são apenas algumas dos pontos que assinala no mapa e recorda com saudade.

“Esta experiência trouxe-me confiança e, graças a isso, comecei a sentir-me mais livre para me expressar. Tanto as experiências alegres como as mais dolorosas me deram mais amor e confiança em mim mesma. Também a língua portuguesa foi uma fonte de inspiração que mais tarde utilizei em algumas das minhas canções. E as cores! Senti muita inspiração para pintar aí! Gostei tanto da riqueza natural e

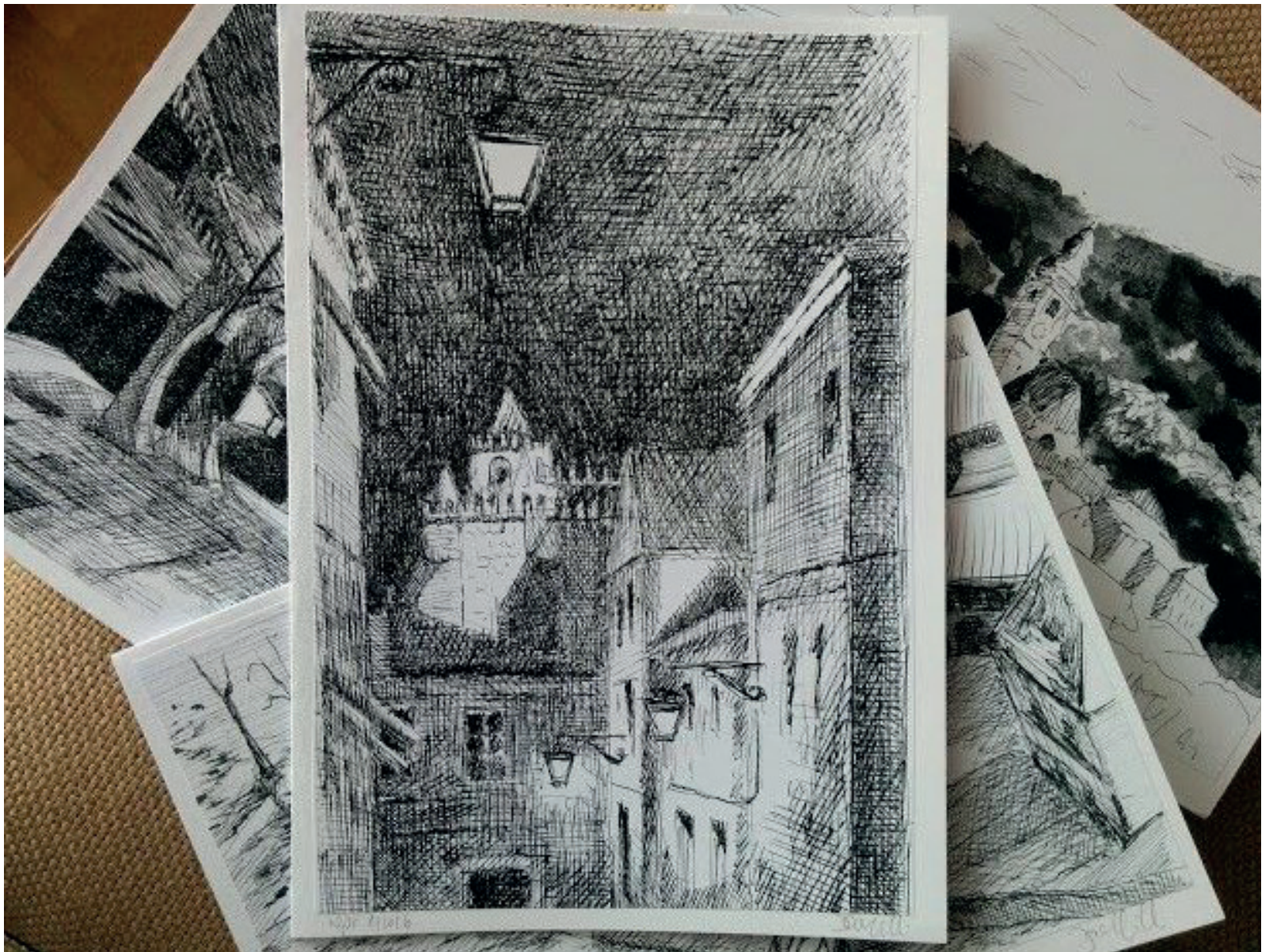
histórica portuguesa que não quis voltar à República Checa, mesmo sendo um país também ele muito rico em beleza e história. No final, voltei para terminar os meus estudos, porque era responsável e queria terminar o que tinha começado.” revela.

Tudo o que viveu contribuiu para a sua construção pessoal e autoconhecimento e toda a sua expressão artística é reveladora disso mesmo. Milli desdobra-se nas várias paixões que lhe ocupam os dias e que “exprimem lados diferentes” da sua personalidade. “A música, os sons, o público e o ensino pertencem à parte mais extrovertida da minha personalidade, enquanto as artes visuais, a costura, o silêncio e a natureza à parte introvertida.” Seja na música, na pintura, nas artes gráficas ou até na costura, a artista vai buscar inspiração a tudo aquilo que dá sentido à vida “Tanto as minhas alegrias como as minhas dores, a minha paz, emoções interiores, amor e ódio, autoestima e vergonha, confiança e medos, autorrespeito e respeito pelos outros, tudo o que tenho aprendido. Essa é a minha inspiração. Canto a minha vida, toco a minha vida, pinto, desenho, e até costuro a minha vida.” conta Milli.

Parte do seu sucesso advém da sua música, que caracteriza como “livre, independente e bastante profunda” A sua sonoridade repleta de ritmos e melodias polivocais é uma mistura original de vários estilos, que a artista identifica como sendo o resultado da junção de “músicas de mundo, jazz, música latina, indie e experimental.”

Recentemente conquistou o seu terceiro Inde-

“Canto a minha vida, toco a minha vida, pinto, desenho, e até costuro a minha vida.”





Sobre Milli Janatková

Licenciada em Língua e Literatura Inglesa (2005) e com um mestrado em Artes Visuais (2009) pela Universidade de Évora, esta cantautora, multi-instrumentista e artista já colaborou com diversos artistas e lançou três álbuns a solo: Transformation (2013), To My Roots (2017) e Deep (2020). Detentora de 3 Independent Music Awards, por singles dos seus álbuns, acumula ainda diversas nomeações nesta cerimónia anual celebrada em Nova Iorque. Expõe publicamente desde 2003 em exposições individuais

e coletivas e já participou diversas vezes na Bienal Internacional de Artes Gráficas de Rokycany, onde recebeu menções honrosas pelos seus trabalhos. É Professora de Ensino Artística, no Conservatório Duncan Centre, em Praga, desde 2010, e actualmente dedica-se também a ensinar a pessoas com necessidades Educativas Especiais, sendo formada em Educação Especial pela Charles University em Praga, desde 2018.

pendent Music Award consecutivo, com a canção Buoh (Deus) do seu terceiro álbum a solo, Deep, lançado em 2020. Este galardão junta-se, assim, a muitas outras nomeações e distinções que a artista tem recebido nos últimos anos. “Olho para estes prémios e nomeações como um reconhecimento e uma recompensa pela minha coragem de ir sozinha em busca da minha personalidade original e expressão pessoal. Escolhi a viagem mais desafiante, mas a única possível. Mesmo que por vezes seja difícil, continuo.”, reflete a artista checa que também tem traçado um percurso notório nas artes visuais, seja através da sua pintura ou até das artes gráficas, que já a levaram a expor um dos seus trabalhos em Nova Iorque.

“Pinto, canto e toco guitarra desde a minha infância, mas percorri um longo caminho até estar consciente das minhas capacidades e encontrar algum equilíbrio dentro de mim. Durante anos, tive baixa autoestima, não me sentia apoiada e, por isso, também não acreditava que um dia pudesse vir a desenvolver o meu trabalho e ganhar a vida com as artes e a música.” Hoje, não só consegue fazê-lo como dedica parte do seu tempo a inspirar outros a fazer o mesmo, seja através da sua arte ou com as suas aulas .

Em 2010, Milli interligou o seu trabalho criativo à pedagogia e adicionou o ensino artístico ao seu role de paixões. “Gosto de apoiar os meus alunos porque raramente senti esse apoio quando era mais jovem. Sei que é importante conhecer alguém que seja mais experiente, confiante e capaz de nos compreender e comunicar sinceramente. Por isso, agora guio os

meus alunos no conservatório para que encontrem a sua confiança, criatividade, equilíbrio e a si próprios.”, explica Milli, que diz ter “herdado da mãe o dom criativo e do pai as capacidades pedagógicas”.

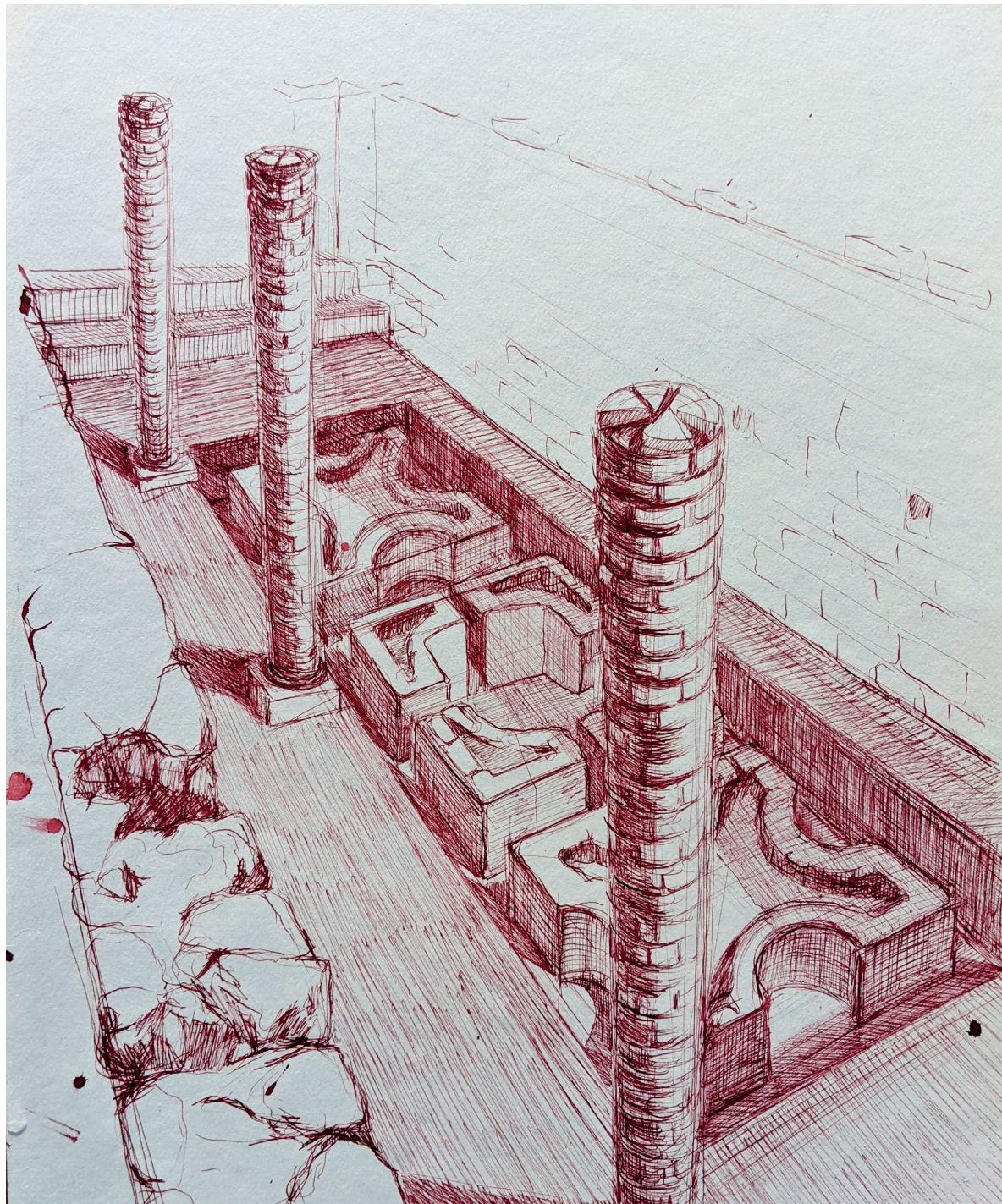
Além de ser Professora no Conservatório Duncan Centre, em Praga, tem apoiado, nos últimos anos, diversas causas humanitárias. “Também me licenciiei em Educação Especial, na Universidade Charles em Praga” acrescenta “A educação especial concentra-se nas pessoas com necessidades especiais, nas que têm grandes talentos, mas também nas que sofrem de perturbações emocionais e comportamentais.”

Este ativismo pacífico, como lhe chama, tem norteado alguns dos seus trabalhos mais recentes. “De momento, participo numa exposição coletiva com um leilão solidário que visa apoiar crianças órfãs. Também costumo colaborar regularmente com exposições que apoiam pessoas com deficiência porque o meu marido está numa cadeira de rodas, por isso somos muito ativos numa vida pública e lutamos pacificamente por uma vida melhor para todas as pessoas com deficiência ou vários tipos de distúrbios e doenças.”

A situação que vivemos actualmente levou-a, assim, a redefinir prioridades, como nos conta “Na Primavera, estava a dar aulas online e não senti obrigação de ser criativa e apresentar o meu trabalho. A situação era nova e, para mim, foi muito mais importante dedicar o meu tempo a costurar máscaras de proteção para os idosos ou para quem precisasse. Pareceu-me ser muito mais importante do que a promoção do meu trabalho criativo e artístico. Tenho



**Perto do
Cabo da Roca
2008**
Milli Janatková



**Conimbriga
2008**
Milli Janatková



Évora 2008

Linogravura, Milli Janatková

continuado o meu ensino à distância e tenho menos tempo para a minha arte, mas apoio os meus alunos porque para eles é mais difícil aceitar o isolamento.” constata.

Mas, apesar de lhe ter retirado tempo e a presença do público, a pandemia não a impediu de continuar a criar e espalhar a sua arte e em breve divulgará nos seus canais uma série de vídeos que produziu a partir do seu estúdio.

A mensagem de esperança que deixa nesta altura desafiante é a mesma que encontrou na cidade de Évora e que vai espalhando pelos sítios por onde passa e pelas vidas que vai tocando “Todas as mensagens certas estão dentro de nós próprios. Em geral, a vida é muito mais agradável quando se ama de uma forma saudável, quando cuidamos de nós próprios e quando aprendemos a comunicar com quem nos rodeia, fazendo o que gostamos. Não nos devemos preocupar, mas sim procurar equilíbrio e confiança nas nossas próprias raízes. A nossa voz interior é o nosso melhor guia e o mais importante é continuar a aprender com todos os obstáculos que ultrapassamos.”.

o outro lado

Nesta edição, a rubrica “O outro lado” é espaço de dois testemunhos que contam as histórias de uma estudante e de um docente da Universidade de Évora que representam as cores da bandeira de Portugal em competições desportivas. Apesar de se dedicarem a modalidades muito distintas, atletismo e futsal, há um elo em comum: a perseguição constante de uma paixão. Paixão essa, que no caso de Tiago Marques foi descoberta numa fase adulta da vida, precisamente aos 38 anos de idade, enquanto que para a Ana Pinto já estava presente nos seus primeiros passos. Atletas de alta competição que conciliam a dedicação ao desporto com as exigências do quotidiano e que contribuem para elevar a nação portuguesa por mundo fora. São exemplos como estes que permitem que o hino nacional soe em territórios estrangeiros. Já o assinalávamos n’ “A Portuguesa”: “nação valente” que levanta “o esplendor de Portugal”.

VESTIR A CAMISOLA

Já o escrevia Fernando Pessoa “que nesta vida sonha-se acordado, que neste mundo a sonhar se vive” e nunca é tarde para descobrir esse sonho que, tal como descrito na canção de António Gedeão e Manuel Freire, “comanda a vida”. Prova disso é Tiago Marques, que embora a maioria o conheça por ser docente de Design na UÉ, é também atleta federado em atletismo.

Embora esta modalidade tenha surgido tarde na sua vida, exatamente aos 38 anos de idade, desde cedo esteve ligado ao desporto, tendo sido jogador de squash de alta competição durante cerca de 20 anos, chegando mesmo ao Top10 nacional. No atletismo encontrou a adrenalina de se superar a cada desafio, “já fosse uma subida, uma distância ou até mesmo condições climatéricas adversas”, afirma.

Os benefícios da prática de atletismo não se ficam apenas pelo bem-estar e saúde, esta modalidade é também fonte de criatividade para o exercício da profissão em Design. “O pós-treino é um momento altamente profícuo para a concentração; o relaxamento motiva a inspiração e a imaginação”, confessa.

A primeira vez que representou Portugal foi no Campeonato da Europa disputado em Alicante (Espanha), em maio de 2018, onde se sagrou Vice-Campeão por equipas na distância de 10km. “Esta oportunidade surgiu através da Associação Nacional de Atletismo Veterano, a entidade oficial da Federação Portuguesa



METAS DEPOIS DE CORTAR A META

de Atletismo que representa os atletas veteranos portugueses em competições nacionais e internacionais”, explica.

Recentemente, em outubro de 2020, num espaço de apenas dois dias, sagrou-se Campeão Europeu de Corta Mato-estafeta, em atletismo por equipas, e vice-campeão europeu, também por equipas, na meia maratona. “A melhor analogia possível para descrever o indescritível momento de quando vestimos a camisola


das quinas, e com as devidas comparações, é aquele em que somos pais pela primeira vez e nos põem o bebé no colo, no qual o primeiro pensamento é “E agora?”. Carregar o peso de uma nação é uma enorme responsabilidade, mas é também um imenso orgulho”, acrescenta.

Vencer uma prova ou tão simplesmente terminá-la é o auge da competição e é nesse momento que Tiago Marques, embora esgotado, encontra a voz interior que lhe diz “vamos!”, momento esse no qual “todas as dores se diluem porque se encontra sentido em todos os minutos investidos nos treinos diários”.

A próxima meta já está traçada: marcar presença no Campeonato do Mundo, a realizar-se no Japão em maio de 2022. E qualquer um pode ser espetador em primeira fila da preparação para este desafio de vida através da página de *instagram* @tmarques.run, na qual partilha os treinos e provas intermédias.

o outro lado





Do pátio da escola para os pavilhões de Portugal, aquilo que era o *hobbie* de uma menina é agora um sonho tornado real. Começou pela nataçã, experimentou o futebol, a patinagem, mas escolheu o futsal. Esta é a história da Ana Pinto, estudante de Ciências do Desporto e uma atleta que representa a bandeira nacional.

Atualmente tem 20 anos, mas foi aos 14 que contactou pela primeira vez com a modalidade, motivada pelo professor de Educação Física. Passados já quase 7 anos, continua a representar o mesmo clube em Évora (Internacional Sport Clube), “com o mesmo sentimento e com a mesma entrega” que tinha quando deu os primeiros toques na bola. “Estava destina-

do”, confessa a Ana.

No campo, distingue-se pela camisola diferente das colegas. Adivinharam a posição? Guarda-redes sem luvas,

observadora privilegiada do terreno de jogo, última peça de xadrez no movimento de xequemate. “Inicialmente não entendia o fascínio que a baliza poderia causar em alguém, mas contrariamente ao que se pensa, a solidão associada a esta posição foi o que mais me atraiu nela”, afirma a estudante da UÉ. Fascinada pela compactação de técnicas de vários outros desportos que se complementam na posição de guarda-redes de futsal, revela que não vê na sua posição uma responsabilidade acrescida, “tal como as minhas

colegas me costumam dizer, para a bola chegar até mim tem de passar por todas elas”.

Diz-se na gíria que apesar de o guarda-re-

DENTRO DAS QUATRO LINHAS

des de futsal ser o último defesa é também o primeiro atacante, nascendo muitas vezes dos seus pés oportunidades ofensivas da equipa, já o confirma a Ana. “A minha ligação com o jogo é permanente e constante ao longo das duas partes. Quando a bola se aproxima da minha área sinto a adrenalina de poder antecipar o que o adversário quer executar. O facto de conseguir anular algo que já estava previamente celebrado, faz de mim uma desmancha-prazeres e adoro essa sensação”, confia.

Foi num dia como

tantos outros de fevereiro de 2018 que recebeu “A” chamada... Pela voz do seu treinador descobriu que tinha sido convocada para integrar o estágio da seleção nacional, fruto do seu desempenho no torneio Interassociações de futsal feminino sub18 no qual representou o distrito de Évora. “Sente-se um enorme reconhecimento quando se vê o nosso nome na convocatória do nosso país”, destaca.

Atualmente é atleta na equipa nacional sub-21 enquanto constrói, na Universidade de Évora, o seu caminho para vir a ser professora de Educação Física, quem sabe se não descobrirá também ela nas suas aulas algum talento em bruto. Embora de olhar envergonhado, só precisámos de uma bola para ver a Ana de sorriso rasgado.

na primeira pessoa

**“SE NÃO NOS RELACIONAMOS
INTIMAMENTE COM OUTROS,
AO LONGO DA VIDA,
CORREMOS O RISCO DE
ESTARMOS SEMPRE
A VIVER O MESMO TIPO DE
EMOÇÕES E SENTIMENTOS”**



Isabel Mesquita, Psicóloga Clínica, Psicanalista e Professora no Departamento de Psicologia da Universidade de Évora, autora de livros como “O que há de novo no Amor?” e “Disfarces de Amor”, fala-nos sobre amor, relações e saúde mental, numa entrevista onde se explora o impacto das emoções, das tecnologias e até da pandemia na forma como nos relacionamos connosco e, sobretudo, com os outros.

na primeira pessoa



Qual a importância dos relacionamentos para o nosso desenvolvimento pessoal?

Desde o início precisamos do outro para nos desenvolvermos, e é assim ao longo de toda a vida, uma vez que nós nos desenvolvemos na interafectividade ou seja, na troca afetiva. Eu até costumo dizer que nos desenvolvemos na trans-interafectividade, ou seja, a partir do que cada um é capaz de fazer com o que recebe e com o que dá afetivamente. Na relação com o outro é possível desenvolver a auto e hétero-regulação dos estados emocionais e ir expandindo o sentimento de possibilidade efetiva de agência/efeito sobre o meio. Claro está, que a necessidade do outro se vai modificando, pois à medida que maturamos as nossas necessidades vão sendo transformadas e conseqüentemente a função do outro na nossa vida emocional e social altera-se. Precisamos do outro para nos conhecermos, para sabermos das nossas emoções na relação com outro, para sabermos o que somos capazes de dar aos outros e do que necessitamos em termos de relações gratificantes, e isto não está estabelecido e não é estático, está sempre em transformação. É na relação, verdadeira, de intimidade com outro que é possível renovar conexões neuronais e transformar modelos de relação com o próprio e com os outros, que são formados desde muito cedo e, que por isso, ficam na memória implícita - memória de procedimento - manifestando-se de forma automática, inconsciente, sendo esses modelos, inúmeras vezes, limitadores da expansão e do desenvolvimento. Se não nos relacionamos intimamente com outros, ao longo da vida, correremos o risco de estarmos sempre a viver o mesmo tipo de emoções e sentimentos, sem acrescentar

nada de novo, e a repetirmos os mesmos modelos de interação formados a partir das primeiras relações, continuando à procura de amor precisamente nos lugares onde ele não existe, ou onde não é uma possibilidade.

Do ponto de vista da psicologia como têm evoluído, histórica e socialmente os relacionamentos e a forma como olhamos para nós próprios e para os outros?

É claro que em termos humanos temos evoluído, existe hoje maior cuidado com as crianças e respeitamos mais os seus direitos, há uma maior valorização das mulheres, há maior respeito pela diferença, há um crescendo de movimentos humanitários. No entanto, existem também sempre expressões mais narcísicas e egocêntricas, que evidenciam uma menor expansão da mente e do mundo psíquico e relacional, que se impõem e que dominam em todos os quadrantes da sociedade. Ao nível mais íntimo, temos observado uma desvalorização da relação amorosa, por exemplo, dando primazia a aspetos que iludem um sentimento de independência e de autonomia – como é a primazia do profissional como forma de aquisição de poder e que vai dando conta, precisamente, de um crescente receio da dependência, uma quase fobia à intimidade, essa a que possibilita a descoberta de si com o outro. Isto constitui-se como um fator de retrocesso, de regressão na evolução enquanto humanos. Prioriza-se o poder sobre o outro, em

“ Prioriza-se o poder sobre o outro, em vez do amor e do processo desenvolvutivo da mente, e confunde-se a dependência infantil com uma dependência madura - que traduz precisamente uma capacidade para estar numa relação simétrica e de troca, de mutualidade.

vez do amor e do processo desenvolvutivo da mente, e confunde-se a dependência infantil com uma dependência madura - que traduz precisamente uma capacidade para estar numa relação simétrica e de troca, de mutualidade.

A identidade ou consciência acerca de nós próprios vai-se formando/transformando ao longo da vida. Existem inúmeros fatores que contribuem para a representação que a pessoa tem de si, mas um dos aspetos essenciais assenta nas relações de intimidade e nas interações com o meio.

Qual o impacto da era da informação, das tecnologias digitais e das redes sociais na formação da nossa identidade pessoal?

O maior ou menor impacto das tecnologias e das redes sociais está dependente da maior ou menor

confiança/segurança, que o sujeito tem em si próprio e no seu mundo interno/emocional. Em verdade, o que se designa em senso comum como autoestima, ou seja, um narcisismo saudável será sempre protetor da influência mais nociva das interações através de redes sociais. Contudo, é inegável que o estar frequentemente *online* terá o seu impacto ao nível cerebral e ao nível emocional. Neste último caso, tem de certo o efeito de contrariar uma incapacidade para estar só, e por outro lado, um incremento da necessidade de gratificação constante, priorizando a pulsão de procura de uma resposta validadora. Está-se dependente dos *likes*(gostos), dos *loves* (amo), de respostas que servem uma função no aparelho psíquico de incremento do valor próprio, do sentimento de acei-

na primeira pessoa

tação e admiração... numa lógica doente: "I chat, I exist" (Eu digito, logo existo) dependência em relação a estes aspectos será tanto maior quanto maior for a fragilidade emocional do indivíduo. Por outro lado, o que as investigações têm demonstrado é que, começa a surgir nos indivíduos uma dificuldade em estabelecer uma conversa, desencadeando estados de aborrecimento nessas situações que envolvem relações reais e presenciais. Nesta linha, as relações *online* impedem o desenvolver de competências de leitura de sinais que o nosso corpo dá, que nos fornecem informação sobre nós próprios e sobre o outro também, a compreensão do significado de várias tonalidades da voz, o saber lidar com silêncios que tantas vezes são incómodos. Uma das competências essenciais do nosso funcionamento é a de antecipar o comportamento do outro e isso é possível pela leitura que fazemos de certos sinais motores e de expressão emocional, e isso treina-se na interação social de presença física e na interação emocional, que não faz parte das redes sociais. Se deixamos de saber interpretar o que sentimos na presença de outro isso é muitíssimo limitante do desenvolvimento emocional e relacional. Acresce que com o uso frequente de interações nas redes sociais e *online*, fica diminuída a competência empática, ou seja, se eu não estou a observar os sinais do impacto que uma reação minha teve no outro, perde-se o limite e fica reduzida a possibilidade de antecipar o comportamento do outro e de antecipar o impacto do meu comportamento no outro. Tudo isto nos tornará mais incompetentes ao nível relacional sem dúvida e, conseqüentemente, mais doentes ao nível emocional (e não só), porque as emoções que não são colocadas em

“ as relações *online* impedem o desenvolver de competências de leitura de sinais que o nosso corpo dá, que nos fornecem informação sobre nós próprios e sobre o outro também.

relação ficam inscritas no corpo e esse adocece, isto está provado cientificamente!

Penso que um risco grande para a identidade também tem a ver com o desenvolvimento e a validação de um falso *self* - uma identidade falsa - que é apresentada aos outros nestas redes e que incorre num afastamento em relação à identidade verdadeira e que, decerto, não possibilita um viver em serenidade e de forma saudável. Acresce

a isto um desligamento maior do real, o que para nós é um sinal muito negativo para a saúde mental. Se por um lado se está em comunicação, por outro, há um distanciamento no que respeita à verdadeira interação intra e interpessoal, consigo e com o(s) outro(s). Assim, de uma forma mais pessimista, corremos o risco de nos robotizarmos e reagirmos apenas aos *inputs*, com pouco recurso ao pensamento próprio e à competência

reflexiva, esta que nos permite antecipar o comportamento do outro e que é fundamental para o nosso desenvolvimento. Deixamos de ser agentes e passamos a ser apenas reagentes - autómatos e não autónomos!

E que efeito têm nas relações intra e interpessoais? Serão estas novas maneiras de influenciar a forma como percebemos e vivenciamos o amor, o romantismo ou as relações humanas?”

O amor e o romantismo é o que cada um quiser que seja, o amor é um sentimento que tem de ser partilhado, comunicado e demonstrado ao outro. Costumo dizer que os sentimentos ficam com quem os sente e, se não forem revelados, se não tiverem uma expressividade relacional, servem para pouco. Se as novas formas de nos relacionarmos são influenciadas pelas redes sociais ou por



estas novas formas de comunicação? Já vimos que sim, no sentido de um empobrecimento. As comunicações à distância produzem distanciamento, porque podemos enviar mensagens a todo o momento, mas estarmos desligados emocionalmente e afetivamente. Nessas relações que agora surgem à distância de *clicks* (cliques) o outro é cada vez menos um outro real, é um produto fantasiado. A não presença aumenta a ilusão e a fantasia, mas distancia do outro real. Para se conhecer o outro enquanto outro distinto e separado, no sentido em que é diferente e tem uma mente própria, é necessário um contacto presencial, direto, de forma a que se possa ir lendo o outro nas entrelinhas, naquilo que não é dito, no que é expresso corporalmente, no que se vai intuindo na relação de proximidade. Não quero com isto dizer que as pessoas não possam iniciar os primeiros contactos através das novas redes ou *sites* de interação. Ainda que, logo desde no início se percam uma série de sinais que são indicadores do funcionamento do outro. Quando uma pessoa se interessa por outra há todo um conjunto de códigos emocionais, mais ou menos conscientes que produzem sensações que resultam da produção de endorfinas que são libertadas pelo cérebro e que são responsáveis por um estado de bem-estar e de acréscimo de estima por si próprio.

Serão estas “novas” ferramentas mais exigentes psicologicamente e podem constituir-se como gatilhos capazes de despoletar ou intensificar patologias do foro psicológico?

Esta é uma era onde a informação lidera, mas muitas vezes o sujeito perde-se com toda essa informação e perde cada vez mais informação sobre si e sobre os outros. Esta estimulação constante distrai do

na primeira pessoa



essencial, volta o sujeito mais para fora e afasta-o da sua realidade interna e, quanto menos o próprio se conhece, menos conhece o outro e é assim que as relações ficam empobrecidas, danificadas e assentes

na exterioridade, naquilo que não é a essência do humano. Desenganem-se os que acreditam poder ter uma vida independente e desprovida de relações significativas, porque o ser humano desenvolve-se através do estabelecimento de relações que sejam elas promotoras do desenvolvimento do próprio e assim, sucessivamente em espiral, ou seja, à medida que nos desenvolvemos procuramos relacionamentos mais maduros e conseqüentemente, esses possibilitam uma maturação do nosso ser.

As pessoas podem retirar valor próprio e autoconfiança em diferentes áreas da sua vida, mas a humanidade assenta na relação, na interação frutuosa.

Não me parece que estas ferramentas sejam mais exigentes, parece-me que potenciam a distratibilidade e que são poderosas no sentido de ludibriarem o aborrecimento e a solidão. Mascaram a insegurança, repare-se na estranheza que já causa alguém que está só com os seus pensamentos, alguém que fica num café a tomar o seu café e a pensar, sem recorrer ao seu telemóvel, sem estar entretido com algo que

não seja o seu pensamento parece louco nos dias de hoje... Estas ferramentas podem intensificar algo que já não estava bem internamente, se uma pessoa faz uso problemático da internet, decerto algum fator interno estaria lá como potenciador. Claro que também temos de estar cada vez mais atentos ao poder que certos conteúdos têm em indivíduos mais jovens e que por vezes não tem uma estrutura mental desenvolvida

para poderem lidar com esses, e potenciarem o desenvolvimento de certas enfermidades emocionais.

Infelizmente, e apesar da maior consciencialização social feita nas escolas, nos meios de comunicação social, continuamos a ouvir notícias relacionadas com violência doméstica e violência no namoro. Porque continuamos a ser confrontados com estas questões no século XXI?

Penso, com enorme certeza, até porque já trabalhei num retiro de mulheres vítimas de violência doméstica, há cerca de 20 anos, que este problema é muito mais profundo e não podemos explicá-lo apenas pela falta de informação. A nossa vida não é só cognitiva, a nossa inteligência enquanto humanos não é cognitiva, os testes de QI não dizem nada sobre a inteligência da pessoa, a inteligência que rege o nosso funcionamento enquanto humanos é emocional, está assente na vida emocional e afetiva. Isto está demonstrado neurocientificamente. Penso que o conhecimento e a informação alerta, desperta para o tema, mas não impede a experiência. O que leva à violência são situações de mal-estar interno de ambos, da vítima e do agressor, que se unem numa complementaridade que é patológica, mas que une intensamente. O que está na base são relações de dominador-dominado, de uso de poder e não de relações simétricas e de mutualidade. Quanto maior o mal-estar interno, quanto maior a fragilidade narcísica, maior é a possibilidade de se estabelecerem relações desta ordem. Quanto mais nos quisermos afastar do que é a essência da nossa vida enquanto seres humanos, mais surpreendidos vamos ficar com o aumento des-

“ **A nossa vida não é só cognitiva, a nossa inteligência enquanto humanos não é cognitiva, os testes de QI não dizem nada sobre a inteligência da pessoa, a inteligência que rege o nosso funcionamento enquanto humanos é emocional**

tes casos. E podem fazer muitas campanhas informativas que pouco vão resultar. O problema não é só de desinformação, é muito mais profundo. É de ausência de limites, de desrespeito, pelo próprio e pelo outro, de impossibilidade de se sentir reconhecido, verdadeiramente amado e do desacreditar que se possa ter uma experiência relacional diferente. Prende-se com representações muito desvalorizadas, com feridas narcísicas muito lesivas que

contaminam toda a vivência relacional, com modelos internos de relação que são muito danosos e que se rigidificaram e não possibilitam mudanças de visão acerca do próprio e das relações. A mim choca-me que se pense que basta dizer-se a uma vítima de mau trato que ninguém tem o direito de a tratar desse modo e considerar que ela vai mudar a representação que ela tem de si, do outro e da sua relação...nós humanos

ainda não vivemos de *inputs*, vivemos de relação! Portanto, a mim não me espanta que no século XXI surjam cada vez mais casos de violência no namoro e nas relações, estamos a distanciar-nos da vida interna, estamos a criar vazios internos muitos grandes que depois se preenchem de formas muito doentias, estamos a priorizar o poder narcísico, a exibição e a exterioridade, há uma fragilidade dos limites que regem as interações e como tal, não me espanta mesmo nada! A doença que se espalha mais nesta nossa sociedade é a do vazio interno.

A adaptação ao teletrabalho em período de confinamento é um fator a ter em consideração no que toca à saúde mental?

Da saúde mental faz parte a resiliência e a flexibili-

na primeira pessoa

dade do aparelho mental, e daí decorre uma capacidade adaptativa saudável às novas circunstâncias e desafios que a vida impõe. Claro está que o nosso cérebro necessita de descontinuar, de ir para novos lugares, de não estar sempre no mesmo sítio, de ver paisagens e sair do confinamento. Por outro lado, o local de trabalho deveria ser um lugar (cada vez é menos) de relações benéficas e desenvolvutivas, e se assim for, o teletrabalho será sempre lesivo, pelas perdas interactivas que provoca, pela ausência da descontinuidade entre casa e trabalho, pelo corte re-

“ **Nós precisamos do olhar do outro, do sorriso, de vermos e sermos vistos, da simpatia, tudo isso alimenta a nossa vida emocional e reformula a visão acerca de nós próprios e da nossa relação com os outros.**

lacional. Nós precisamos do olhar do outro, do sorriso, de vermos e sermos vistos, da simpatia, tudo isso alimenta a nossa vida emocional e reformula a visão acerca de nós próprios e da nossa relação com os outros. A nossa vida mental tem de ser dinâmica, se não gostamos disso somos esquizóides. Mas também, se não nos adaptamos criativamente às condições adversas e adoecemos, algo estava mal com o nosso aparelho mental. Existem pessoas com mais capacidade para lidar com a adversidade e outras com menos, mas não há dúvida que a exposição prolongada a situações adversas é sempre lesiva.

Que consequências ou de que forma pensa que esta pandemia se poderá reflectir na identidade e nos comportamentos das próximas gerações?

Não sou apologista de visões deterministas nem de causalidade direta. É evidente que a curto prazo surgirão algumas reatividades emocionais e comportamentais a esta situação, contudo, essas estarão, novamente, em relação direta com a capacidade que a pessoa terá de autorregulação, de manejo dos seus estados emocionais. Pessoas mais propensas a

estados de ansiedade ou depressão sofrerão mais. Mas, convém reforçar, novamente, que existe sempre a interação entre o externo e o interno, as situações são vivenciadas de acordo com a vida emocional (com o mundo interno) de cada um. E assim, sendo a pandemia o acontecimento, terá um impacto diferente nas diferentes pessoas e terá a ver com que o que desperta ao nível emocional, pelo que uns se poderão manifestar mais ansiosos, outros mais deprimidos outros mais preocupados com o controlo, outros com a perseguição, isso será muito relativo, idiossincrático. Claro que convirá estar atento às gerações mais jovens e perceber o que pode ter sido despoletado por esta situação. O que é importante salientar é que esta pandemia remete para a nossa fragilidade enquanto humano, para o não controlo sobre a nossa finitude, para a necessidade do outro.

O confronto com a fragilidade, com a ausência de controlo, com a impotência, com a exposição ao adverso, com a solidão e com a perda será o que vai despoletar comportamentos que podem ser da ordem do controlo, como a anorexia ou algumas manifestações obsessivo-compulsivas, algumas angústias mais paranoides, algumas fragilidades identitárias, algumas reações fóbicas mais acentuadas...mas a plasticidade cerebral está comprovada, a flexibilização do aparelho mental é possível e por isso tudo terá remédio, desde que bem observado e encaminhado.

Um aspeto importante que ficou saliente nesta pandemia é a falta que nos faz a interação com os outros, a vida relacional, o confronto com a nossa impotência e a necessidade de nos respeitarmos. Por outro lado, colocou em evidência a prioridade da vida emocional e a necessidade de cuidarmos dela, e isso espero que se mantenha vivo na nossa mente!

“ Um aspeto importante que ficou saliente nesta pandemia é a falta que nos faz a interação com os outros, a vida relacional, o confronto com a nossa impotência e a necessidade de nos respeitarmos.

Quase dois meses após a morte de João Cutileiro, relembramos o artista, através de uma visão pluridisciplinar da sua obra, concretizada por Ana Luísa Vilela, María Zozaya-Montes e João Soares. Nas áreas da Literatura, da História e da Arquitetura, estes três professores e investigadores da Universidade de Évora guiam-nos pelo legado que Cutileiro nos deixou, talhado em pedra e imortal à passagem do tempo, como a sua figura o será, certamente.

JOÃO CUTILEIRO E A PEDRA QUE DEU CORPO À OBRA

**João Cutileiro na cerimónia
de atribuição do grau
doutor *Honoris Causa***

Universidade de Évora, 3 outubro 2013





**Flores de João Cutileiro:
Homenagem
a Mapplethorpe**
S. Bento de Cástris,
abril 2015

É difícil conceber a História da Arte e da Escultura portuguesa sem a influência de João Cutileiro, um dos mais singulares artistas portugueses do século XX. As inovações metodológicas e técnicas que trouxe para o panorama artístico nacional são reveladoras de um artista muito à frente do seu tempo, independente e liberto de estereótipos. Frequentemente incompreendido, combateu o academismo e conservadorismo estético na escultura portuguesa, através da sua irreverência, inovação tecnológica e criatividade estética.

João Pires Cutileiro teve o privilégio de crescer perto de figuras maiores do panorama artístico e intelectual português, que lhe abriram, muito cedo, novos horizontes para os domínios artísticos. Em 1951, com apenas 14 anos, expõe pela primeira vez, em Reguengos de Monsaraz, numa loja de máquinas de costura. “Tentativas Plásticas”, como chamou à exposição individual onde se estreou, deu a conhecer algumas das suas primeiras peças de escultura e cerâmica, bem como algumas aguarelas e pinturas.

Acabou por fixar-se na escultura e chegou a frequentar a Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Porém, dois anos foram suficientes para comprovar o que já havia suspeitado: Portugal não tinha ainda espaço para o experimentalismo e criatividade que caracterizam a sua obra.





Sentindo-se constrangido pela mentalidade conservadora portuguesa, sai do país rumo a terras de sua majestade. Ingressou na Slade School of Art, em Londres, onde enriqueceu a sua formação e desenvolveu parte do seu trabalho, tendo como mestre Reg Butler, um dos mais proeminentes escultores do pós-guerra. Ainda na capital inglesa, Cutileiro ganhou um lugar no panorama artístico. Somava participações em exposições e os prémios comprovavam o sucesso que começava a ter, mas a sua vinda para Portugal fazia anunciar-se através de várias exposições que ia realizando nas cidades do Porto e de Lisboa. Em 1970 regressa, e faz de Lagos a sua casa e galeria. É nesta cidade algarvia onde, desde 1972, reside “D. Sebastião”, uma das suas obras mais polémicas.

María Zozaya-Montes, doutorada em História e investigadora do CIDEHUS, especializada em espaços de sociabilidade na época contemporânea, explica-nos esta dissonância de opiniões que marcou a receção artística da sua obra ao longo dos anos.

“João Cutileiro é um artista de grandes espaços. Uma praça, uma rotunda ou um lago artificial são cenários onde o escultor conseguiu revelar ao público o significado da intervenção cultural da arte. Ao mesmo tempo, ele era claramente consciente do potencial da sua interação, sabendo que uma escultura sua mudava definitivamente a paisagem onde era colocada e até podia causar

“ João Cutileiro é um artista de grandes espaços. Uma praça, uma rotunda ou um lago artificial são cenários onde o escultor conseguiu revelar ao público o significado da intervenção cultural da arte.

essência

consternação à sociedade mais próxima (pela assimilação lenta do seu estilo contemporâneo). Essa consciência motivou que a escultura de D. Sebastião em Lagos fosse colocada em plena noite, “às escondidas”. Esta aventura –narrada no livro e documentário A pedra não espera– revela que ele era um perfeito conhecedor do impacto visual que podia gerar nos espaços públicos.”

Porém, foi entre críticas ferozes e elogios rasgados que construiu a sua carreira, recusando-se sempre a tornar-se “um fazedor de objetos decorativos destinados à burguesia intelectual do ocidente”. Subverteu a escultura portuguesa e demarcou-se do academismo característico do Estado Novo.

João Soares, Professor do Departamento de Arquitetura e investigador do CIDEHUS, afirma “As verdadeiras coisas novas têm essa capacidade de chocar sempre, no fundo, ensinam-nos a olhar para o mundo de um modo novo, ensinam-nos a redefinir os próprios padrões estéticos.”. Algo que João Cutileiro fez com mestria, como é exemplo o controverso monumento de homenagem ao 25 de Abril (1997), “que jaz no alto do Parque Eduardo VII.” e que, de acordo com o especialista em Arquitetura e Urbanismo, “participa do sentido de unidade que foi o Homem e a obra, num respeito pela profunda beleza que qualquer revolução contém – naquilo em que é coisa que desmonta - destrói – certezas anteriores. E, portanto, também certezas estéticas.”

Também, neste sentido, João Soares destaca o “Lago das Tágides” (1998), pela sua “especial delica-

deza” onde “as banhantes se deliciam em cândidas brincadeiras, sobre um fino lenço de água, entre pinheiros, a olhar o seu rio”. A relação da obra de arte pública com a água e com “a circunstância urbana do Parque das Nações possui já um carácter especial, e nele se integra a peça, mas exerce também a sua vital irreverência. É um lago a olhar o rio que coloca o rio a ver-se ao espelho, nas figuras das suas mitológicas habitantes”, explica o Professor.

De acordo com María Zozaya, estas características inconfundíveis demarcam o estilo de João Cutileiro que, através delas “estabeleceu uma separação absoluta frente ao conceito de escultura que dominou desde o século XIX até 1930. As estátuas dos anos 40, que marcaram o estilo promovido por Salazar até aos anos 60, também não convenceram o nosso escultor, nomeadamente os modelos estabelecidos por autores como Leopoldo de Almeida, dos quais ele fugia (como lembra o livro sobre João Cutileiro, A pedra não espera). Neste sentido, a presença da

obra de Cutileiro nos espaços públicos em Portugal desde os anos 70, mesmo estando sob o jugo da ditadura, é a clara mostra de que o mundo luso entrava na Europa Contemporânea.”

Em 1985, Cutileiro muda-se para Évora, cidade muralhada de ruas estreitas, mas de “vistas largas” que se estendem pelo vasto horizonte da planície alentejana. Quem percorre esta cidade com um olhar atento, facilmente encontra várias obras do artista. “Évora teve, desde cedo, o privilégio do convívio das criaturas do mestre nos seus jardins, rotundas, alpendres... nas paredes dos interiores das suas casas. E

“ **a presença da obra de Cutileiro nos espaços públicos em Portugal desde os anos 70, mesmo estando sob o jugo da ditadura, é a clara mostra de que o mundo luso entrava na Europa Contemporânea.**



essência



esse convívio levou a cidade a uma dimensão onde ainda hoje vive, entre o real e o fabuloso.”, afirma João Soares.

A paixão visceral que tinha por Évora e pelo seu charme intemporal, eram o resultado de uma infância feliz preservada pela memória. Foi Lisboa que o viu nascer, mas Cutileiro nunca escondeu a relação umbilical que tinha com a cidade alentejana, nem a influência desta região no seu crescimento e obra.

Em 1981, anos antes da sua fixação, Cutileiro redefiniu para sempre o traçado da cidade de Évora, que foi invadida por artistas vindos dos quatro cantos do mundo para participar no I Simpósio Internacional de Escultura e Pedra, que organizou com o Ar.Co - Centro de Arte e Comunicação Visual. Sergi Aguilar, Andrea Cascella, Minoru Niizuma, Syoho Kitagawa, Pierre Szekely, José Pedro Croft, Amaral da Cunha ou Pedro Fazenda são apenas alguns dos nomes que participaram neste evento que redefiniu a cartografia eborense.

O impacto que teve no espaço urbano, alterou a nossa relação com a cidade. Humanizou-a e fez dela um espaço de encontros e de cultura. “Évora Revisitada I” (1981), entre o Chafariz da Praça do Giraldo e a Igreja de Santo Antão, o “Busto de Florbela Espanca” (1994), presente na Sala dos Docentes da Universidade de Évora, o “Busto do Mestre André de Resende” (1986), no Largo Dr. Evaristo Cutileiro ou o “Arco do Triunfo” (2005), nas Portas do Raimundo são já parte da cidade e assistem firmes à passagem do tempo, partilhando a calçada com a população que com elas se cruza diariamente.

Representativas de um estilo inconfundível, dialogam, no modernismo das suas linhas, com uma cidade histórica, cristalizada no tempo. Ana Luísa Vilela, Professora do Departamento de Linguística e

Literatura, remete-nos para a forma paradoxal, como o artista conseguiu casar a rudeza bruta da matéria com as formas mais delicadas do corpo feminino. “No temperamento artístico de João Cutileiro, um dos aspetos mais instigantes é, justamente, a capacidade de surpreender. Muitas das suas obras provocam perplexidade e indignação, porque surgem ostensivamente impregnadas de ironia, violência ou erotismo, muitas vezes sardónicos. A sua arte tem uma inegável dimensão truculenta. Porém, o que é para mim mais sedutor é o modo como essa irascibilidade se casa com a ternura mais tocante, com a sensibilidade mais imaterial.” explica.

Exemplo disso é o busto de Florbela Espanca, habitante permanente da Universidade de Évora, sobre o qual se debruça a Professora especialista em Literatura “Sempre que entro na nossa sala de docentes, no Colégio Espírito Santo, saúdo Florbela Espanca. Ela lá está, dando-nos as boas-vindas, num busto criado por Cutileiro em 1994, centenário do nascimento da poetisa. Desaparecida aos 36 anos (como outras mulheres-mito: Marilyn Monroe, Diana de Gales), a Florbela de Cutileiro é eternamente jovem. O seu busto é de mármore, como ela produto profundo da sua terra, Vila Viçosa. Mas a poetisa que se atreveu, nas primeiras décadas do séc. XX, a assumir a escandalosa enunciação feminina do desejo amoroso – tem, neste busto, uma figura desconcertantemente pueril. A Florbela da nossa sala não tem adereços de *femme fatale*, exhibe antes o despojamento e a simplicidade de uma pequeno-burguesa em passeio pelo campo.”, evidencia, explicando que “as técnicas do talhe direto no mármore e do encaixe dos blocos de várias cores conferem-lhe a rudeza inocente da “charneca em flor”; recuperam todo aquele lirismo enfeitiçante da matéria, que encontramos por

vezes na poesia de Florbela (“Num êxtase, eu escuto pelos montes/ O coração das pedras a bater...). O chapéu reforça a imagem campestre, mas também funciona como uma auréola, emoldurando-lhe a figura como um halo curvo de medalha. E as flores que lhe ornaram o decote casto, na sua elementaridade coquete, lembram-nos a incorporação onomástica da “Flor”, que a poetisa alentejana parece ter querido, também, tatuar no seu corpo poético.”

Ana Luísa Vilela deixa, porém, uma advertência “Cuidado com as surpresas ladinas de Cutileiro. Não é ele que nos recorda, a propósito de uma sua exposição subtilíssima, Homenagem a Mapplethorpe: “O Jorge Amado dizia que as flores eram os órgãos sexuais das plantas.”?...”

Essa sensualidade e erotismo, que não encontramos em Florbela, mas que está presente em muitos dos seus trabalhos, é, sem dúvida, uma das características mais distintas da obra de Cutileiro e suscitou frequentemente momentos de reconhecimento e de condenação.

As voluptuosas figuras femininas de corpos desnudos repletos de erotismo são incontornáveis na sua obra, a par com a revisitação da identidade portuguesa, através das figuras mais marcantes do nosso imaginário coletivo.

Muitas destas obras, como é o caso de D. Sebastião, em Lagos, e do monumento ao 25 de Abril (1997), no Parque Eduardo VII, foram envoltas em polémica, mas Cutileiro aceitou todas as críticas e incompreensão com a ironia e o arrojo que sempre

o caracterizaram a si e a toda a sua obra, nunca se demarcando das formas que o singularizaram.

O “simbolismo corporal”, facilmente reconhecível pelas suas características distintas, é descrito por María Zozaya-Montes como “uma faceta essencial em João Cutileiro. Ele próprio era consciente da importância da representação dos ícones nas peças mais simples. É possível que esta questão estivesse já latente quando ainda se encontrava na sua etapa de formação, como parecem manifestar os seus objetivos de investigação primogénitos”. De acordo com a investigadora do CIDEHUS, estes “elementos simbólicos que na linguagem escultórica de João Cutileiro conseguem resumir conceitos, partes do corpo ou concretizar processos históricos, estão presentes em toda a sua trajetória. Podemos afirmar que escudos, espirais, capacetes, perfis de animais ou contornos do corpo humano se tornaram elementos característicos da sua obra. Este facto visual pode resumir a importância do simbolismo na sua obra, permitindo identificar facilmente, à primeira vista, que uma escultura é sua.”

Estas formas únicas são um exemplo da sua faceta mais moderna e progressista, conseguida, também, através da forma como modelava a pedra. Cutileiro fez, a partir de meados da década de 60, recurso a máquinas elétricas, que substituíram o uso exclusivo do martelo e cinzel no corte da pedra. Estas novas ferramentas permitiram-lhe dedicar-se em particular ao mármore, matéria-prima da sua eleição e com a qual mantinha um diálogo constante. Traba-

lhou-a livremente, sem lhe impor formas forçadas, e respeitando a sua natureza. Por vezes lacerando a pedra ao âmago da significação, outras vezes deixando-a em bruto e praticamente intocada.

“Desde quando consigo recordar, sempre olhei para os pedaços de mármore do Mestre Cutileiro como se fossem enormes cartolinas grossas de cores esbatidas, como se cortadas por uma (impossível) tesoura gigante, a fazer lembrar os recortes de Matisse. Quem sabe se, de algum modo, para o Mestre esta imagem faria algum sentido” afirma João Soares, que destaca, ainda, a singularidade do artista “Cutileiro construiu a sua pessoalíssima visão do mundo, que nos ofereceu, e que se tornou notória – e esse, por si só, é já o legado de um indivíduo para com os seus pares.”

Distinguido diversas vezes em vida, o escultor, que recebeu em 2013 o título de Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Évora, é hoje celebrado por esse legado incalculável que nos deixou. O corte da pedra com recurso a máquinas elétricas, característica revolucionária da sua obra, foi decisivo no seu fim. Assistimos, poeticamente, ao criador ser suplantado pela sua criação. O seu corpo não resistiu à exposição continuada ao pó da pedra que respirava, já o seu legado, esse perdura, inscrito em mármore e inerte à passagem do tempo.

“ Cutileiro construiu a sua pessoalíssima visão do mundo, que nos ofereceu, e que se tornou notória – e esse, por si só, é já o legado de um indivíduo para com os seus pares.

laboratório vivo

É em pleno centro histórico da cidade de Évora que está instalado o Observatório de Ciências da Atmosfera da Universidade de Évora (UÉ). Equipado com instrumentação de ponta, reúne condições únicas em território nacional para a investigação científica na área das Ciências Atmosféricas e Clima. É justamente aqui que os físicos Maria João Costa e Daniele Bortoli, professores no Departamento de Física e investigadores do Instituto de Ciências da Terra da UÉ, recolhem diariamente dados para estudarem os constituintes da atmosfera e a poluição atmosférica. E é claro que agarraram a oportunidade ímpar de analisar as eventuais alterações deixadas por um planeta que praticamente paralisou devido à pandemia por COVID-19.

DA SUPERFÍCIE E BAIXA TROPOSFERA À ESTRATOSFERA

AS MARCAS DE UM PLANETA CONFINADO



laboratório vivo





Recorrendo a diferentes abordagens e metodologias, os investigadores analisaram, durante a Primavera de 2020, as concentrações de poluentes na atmosfera, monitorizando a estrutura atmosférica durante o período de confinamento na Europa, com vista a identificar possíveis alterações devido à diminuição das emissões de gases e partículas. O desafio foi o de “obter resultados quase em tempo real”, como explicam.

Daniele Bortoli e Maria João Costa, integrados na equipa de investigação da campanha LIDAR COVID-19, promovida pela infraestrutura pan-europeia ACTRIS, da qual a UÉ é a única instituição parceira em Portugal, encarregaram-se de estudar a baixa, média e alta troposfera. Estudaram também a concentração mássica de carbono negro à superfície em Évora, comparando com observações obtidas em anos anteriores, desde 2017.

As medições da distribuição vertical dos aerossóis com alta resolução espacial e temporal foram efetuadas com um Lidar Raman multiespectral, que mede os perfis verticais de propriedades de aerossóis e nuvens na atmosfera, e ainda com um Radiómetro micro-ondas, que mede perfis verticais de temperatura e humidade na troposfera. Como sublinhou Daniele Bortoli a “disponibilização dos dados em tempo quase real e a análise rápida dos produtos comprovaram que os instrumentos de tipo lidar são extremamente úteis para fornecer informações de aerossóis não só para fins climatológicos, mas também em situações de emergência”.

laboratório vivo

“Embora seja claro pela análise preliminar feita às medições de aerossóis entre janeiro e maio de 2020 que o *lock-down* não afetou a alta troposfera (a camada mais baixa da atmosfera que nas nossas latitudes atinge em média cerca de 10 km de altitude), para a baixa troposfera é demonstrável algum efeito, dentro da variabilidade climatológica” adiantou o investigador Daniele Bortoli.

De facto, este relatório preliminar mostra que “simplesmente comparar os valores observados com os valores climatológicos de 2000-2015 não é suficiente para extrair uma conclusão clara sobre o quanto o confinamento por COVID-19 teve impacto nos aerossóis na atmosfera”, explicou o investigador. Um resultado que se justifica, em parte, pelas mudanças nas condições meteorológicas (períodos persistentes com nuvens muito baixas e chuva) que dificultaram as medições, bem como, no caso das estações no sul da Europa, como é o caso da instalada na UÉ, a presença de poeira transportada do Norte de África, e episódios de pólen, fatores que contribuíram para a redução da relevância estatística desta campanha.

A análise comparativa de Maria João Costa revelou que a concentração mássica de carbono negro no período de confinamento em Évora, em março 2020, “apresenta valores ligeiramente inferiores aos anos anteriores, especialmente 2017 e 2019, com 2018 a

apresentar valores bastante semelhantes, o que pode ser explicado por uma grande intensidade e frequência de precipitação durante março de 2018”. É em abril e maio de 2020 que as concentrações mássicas de carbono negro são muito inferiores às observadas nos mesmos períodos em anos anteriores, verificando-se, em geral, que esta medida de confinamento teve impacto visível nas concentrações à superfície,

ao contrário dos resultados obtidos na média e alta troposfera.

Os investigadores concordam que o período analisado foi cientificamente curto para a obtenção de resultados mais robustos. Para além deste ponto voltam a concordar ao declarar, “que a sociedade precisa de observações e previsões precisas de aerossóis para melhor compreender os processos cli-

máticos e prever episódios de poluição atmosférica” e assim, dão continuidade às observações e comparações em 2021 porque, tal como Aristóteles referiu algures no tempo “o começo de todas as ciências é o espanto de as coisas serem o que são”.

É também por isso que estes investigadores já têm em mãos um novo desafio: calibrar nanossensores de baixo custo para medir a qualidade do ar e fornecer dados em tempo real. É este o objetivo do projeto Nanosen-AQM, uma vez que atualmente a monitorização da qualidade do ar acarreta custos elevados, o que dificulta a obtenção de dados massivos, confiáveis e em tempo real.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) estima que morrem todos os anos 7 milhões de pessoas devido à exposição à poluição atmosférica. É, ainda, uma séria ameaça aos ecossistemas terrestres e aquáticos através da deposição de poluentes, que se acumulam em plantas e animais, alguns dos quais acabam por ser consumidos pela população.



POLUENTES ATMOSFÉRICOS, QUALIDADE DO AR E ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS

Os aerossóis atmosféricos, que podem ser sólidos ou líquidos de pequenas dimensões em suspensão no ar fazem parte dos poluentes atmosféricos mais importantes na avaliação da qualidade do ar, já que são partículas facilmente inaláveis e que, dependendo da sua dimensão, podem atingir os pulmões ou mesmo os alvéolos. Os aerossóis atmosféricos têm um tempo de residência típica de um dia a duas semanas na troposfera e cerca de um ano ou mais na estratosfera. Eles variam muito em tamanho, composição química e forma.

Existem duas grandes classes de aerossóis: aerossóis primários, gerados ou emitidos como partículas sólidas e aerossóis secundários, formados na atmosfera por reações químicas (conversão gás-partícula). Alguns aerossóis têm origens principalmente naturais como por exemplo os *sprays* marinhos, as poeiras minerais ou os bio-aerossóis. Outros resultam, pelo menos em parte, de atividades humanas como a utilização de combustíveis fósseis nos transportes, na indústria e no sector residencial.

Além da sua importância na qualidade do ar, os aerossóis têm um papel fundamental nos processos atmosféricos, com efeitos muito importantes no clima e alterações climáticas. A sociedade precisa de observações e previsões precisas de aerossóis para melhor compreender os processos climáticos e prevenir episódios de poluição atmosférica.

aqui e agora

Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano

**NASCE UMA NOVA
ESCOLA DE SAÚDE
NA UNIVERSIDADE
DE ÉVORA**

Destinada a assegurar o ensino graduado nas áreas científicas ligadas às Ciências da Saúde, com uma forte aposta na saúde pública, saúde da comunidade e saúde da família (com destaque para a enfermagem em saúde da família e a medicina familiar), a Escola de Saúde e Desenvolvimento Humano (ESDH) é um projeto da Universidade de Évora que propõe um novo conceito no Ensino Superior em Portugal.

“Chegou o momento de apresentar uma abordagem inovadora à formação na área da Saúde” considera Ana Costa Freitas, Reitora da Universidade de Évora, que espera, através da nova Escola, conseguir assumir um posicionamento relevante no que concerne a qualificação e desenvolvimento formativo dos profissionais e equipas que prestam cuidados a pessoas de mais idade na Região do Alentejo, em particular no contexto da saúde pública, comunitária e da integração de cuidados centrada em cada pessoa.

Pronta a receber os primeiros estudantes já em setembro, a ESDH funcionará em articulação com o Hospital do Espírito Santo de Évora (HESE) e apresenta um modelo de formação transdisciplinar em dois formatos distintos mas complementares: um caracterizado por uma oferta mais tradicional, e outro de cariz inovador, comprometido

“ A universidade de Évora tem oportunidade de ser pioneira no país através do desenvolvimento de competências académicas convergentes no domínio do bem-estar e desenvolvimento humano

Constantino Sakellarides

aqui e agora



fotografia cedida por **GCI, HESE**

com a mudança e com o desenvolvimento de competências congruentes com este modelo focado na “Saúde Pública para uma População Idosa”.

Na sessão de apresentação *online* da ESDH, que teve lugar no dia 25 de fevereiro de 2021, o ex-diretor geral da Saúde, Constantino Sakellarides, “inexcedível em diferentes etapas deste processo e cuja visão e experiência são uma referência”, de acordo com a Reitora da Universidade de Évora, afirmou que um dos aspetos diferenciadores desta Escola “é transformar a figura clássica do aluno num participante ativo e envolvido em todo o processo de desenvolvimento”.

Esta é uma das ideias-chave partilhada por Constantino Sakellarides, que reforça, através do conceito de «inteligência coletiva», a importância de “fazer uma retroação para a base de conhecimento e criar um ciclo contínuo de criação de uma inteligência coletiva baseada no conhecimento com a participação de todos”.

O objetivo passa por “formar profissionais multifacetados e preparados para fazer face às múltiplas exigências na área de saúde pública” seja a nível regional mas também nacional até porque, de acordo com Manuel Lopes, coordenador da Comissão Instaladora da ESDH, a esperança média de vida dos portugueses ultrapassa hoje os oitenta anos, e, como consequência, a probabilidade de desenvolvermos doenças crónicas aumenta.

“um dos aspetos diferenciadores desta Escola é transformar a figura clássica do aluno num participante ativo e envolvido em todo o processo de desenvolvimento

Torna-se, assim, imperativa uma resposta rápida para fazer face aos desafios presentes e futuros na área da saúde e para Ana Costa Freitas, “tudo o que possamos fazer pela região do Alentejo é pouco, de tantos que são os desafios”. Daí o apelo permanente da Universidade de Évora à cooperação, à união de esforços entre entidades competentes, ao escutar atento e ao envolvimento da sociedade civil.

O envolvimento com a comunidade é evidente e a transferência de conhecimento, através das Unidades de I&D da Universidade, uma realidade, destacando-se na área o Comprehensive Health Research Centre (CHRC) e a Cátedra LifeSpan, em parceria com o HESE e a Siemens; o Centro Académico Clínico do Alentejo, e ainda as Redes na área da Saúde: EIT Health, Alentejo Central Ageing Longer Intelligent Care Environment Reference Site, Alentejo Living Lab.

O corpo docente com elevada formação e experiência em diversas áreas do conhecimento e a colaboração com os parceiros institucionais, que assumem um compromisso com o desenvolvimento local e regional, têm trilhado um caminho de sucesso e a ESDH vem reforçar essa aposta, porque, tal como recorda a Reitora da Universidade de Évora, “congregando o conhecimento e as mais diversas experiências e competências, ficaremos mais perto de um país mais justo, em que o território é tratado como um todo e não como mera soma das partes”.



Évora por Milli Janatková, 2008.



UNIVERSIDADE DE ÉVORA